

A INFLUÊNCIA DO SCHOLA AQUITANICA NO PENSAMENTO LINGUÍSTICO DE ANCHIETA E NO ENSINO DO VERNÁCULO PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI

Melyssa Cardozo Silva dos Santos (UFF)¹

Doutoranda em Estudos da Linguagem (UFF)

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)²

Professor Associado de Língua e Literatura Latina (UFF)

RESUMO

O tema do artigo é a influência do documento *Schola Aquitanica* (VINET, 1583), plano de estudos renascentista, no pensamento linguístico de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597) e no ensino do vernáculo português no Brasil do século XVI. Na primeira parte, se debate o modelo de alfabetização purilíngua no documento e sua possível influência na política missionária, para a alfabetização de crianças indígenas. Na segunda parte do artigo, se analisa o latim humanístico, enquanto uma língua neutra para a gramatização das línguas vernáculas na corrente de pensamento do humanismo renascentista português, o que serviu para a introdução da língua portuguesa no Brasil do século XVI e para a gramatização da língua dos indígenas.

Palavras-chave: Gramaticografia. Historiografia Linguística. Linguística Missionária.

THE INFLUENCE OF SCHOLA AQUITANICA ON THE LINGUISTIC THOUGHT OF ANCHIETA AND ON THE TEACHING OF THE PORTUGUESE VERNACLE IN THE 16TH CENTURY

ABSTRACT

The subject of the article is the influence of the document *Schola Aquitanica* (VINET, 1583), a Renaissance study plan, on the linguistic thought of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597) and on the teaching of the Portuguese vernacular language in Brazil in the 16th century. The first part discusses the purilingual literacy model in the document and its possible influence on missionary policy for the literacy of indigenous children. In the second part of the article, humanistic Latin is analyzed, as a neutral language for the grammatization of vernaculars in the current of thought of Portuguese Renaissance humanism, which served for the introduction of the Portuguese language in Brazil in the 16th century and for the grammatization of the Portuguese language. indigenous language.

Keywords: Grammaticography. Linguistic Historiography. Missionary Linguistics.

¹ Endereço eletrônico: cardozomelyssa@id.uff.br.

² Endereço eletrônico: leonardokaltner@id.uff.br.

Introdução: uma alfabetização plurilíngue

No presente artigo, se analisa a influência do documento renascentista *Schola Aquitanica – Docendi Ratio in Ludo Burdigalensi* (Colégio de Guiena – Programa de ensino no Colégio de Bordeaux) (SANTOS, 2021) no clima intelectual (KOERNER, 1996) em que o missionário S. José de Anchieta, SJ (1534-1597) foi educado, contextualizado na corrente de pensamento do humanismo renascentista português (KALTNER, 2019a, KALTNER *et al.* 2019b, KALTNER, SILVA, 2019c; KALTNER, 2019d). O documento foi analisado e traduzido na íntegra na dissertação de mestrado intitulada *Schola Aquitanica (1583): edição bilíngue e comentários à luz da historiografia da linguística* (SANTOS, 2021), defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

A dissertação desenvolveu-se no contexto do projeto de pesquisa *Regna Brasillica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia da Linguística*, vinculado ao grupo de pesquisas “Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional” (FILIC/CNPq/UFF), que tem por tema analisar tópicos da disciplina de Historiografia da Linguística, para a descrição do pensamento linguístico no contexto da América portuguesa quinhentista, o “período (institucional) missionário” (KALTNER, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020f e KALTNER, SANTOS, 2020e). O documento *Schola Aquitanica*, enquanto um plano de estudos da época quinhentista, apresenta o clima intelectual europeu e o desenvolvimento do pensamento linguístico na passagem do período medieval para o renascentista, quando a escolástica cedeu espaço à gramática humanística e à descrição das línguas vernaculares europeias.

O documento *Schola Aquitanica*, publicado em 1583, registra as atividades de docência no colégio renascentista de Guiena, na França. Ainda que tenha sido escrito pelo humanista francês Élie Vinet (1509-1587), as atividades relatadas referem-se ao período em que o humanista português André de Gouveia (1497-1548) esteve à frente da instituição. André de Gouveia, posteriormente ao período de estadia na França, teria retornado a Portugal, para organizar o Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, instituição que seria administrada pelos jesuítas em 1555. Anchieta estudou no Colégio das Artes de Coimbra, antes de seu ingresso na Companhia de Jesus, tendo tido o humanista Diogo de Teive entre seus preceptores (NAVARRO, 1997). É patente a influência do *Schola Aquitanica* na educação humanística de Anchieta, antes de ter sido enviado em missão ao Brasil, quando teria tido Nóbrega como seu mentor.

A interpretação crítica do documento pressupõe uma leitura crítica interdisciplinar, o que é proposta da HL (ALTMAN, 2019), e desenvolveremos ao longo do texto:

Historiografia da Linguística é campo interdisciplinar: para estudar a história do conhecimento sobre a linguagem é necessário levar em conta uma série de saberes (sobre as teorias e filosofias da linguagem, a história e a sociologia dos períodos em análise, a história intelectual, as concepções de ciência, gramática e filosofia desenvolvidas ao longo da história, entre outros tipos de conhecimento) que contribuem para que a interpretação historiográfica alcance seus ideais explicativos e interpretativos (BATISTA, 2019, p. 12).

Esse clima intelectual foi a base de desenvolvimento do pensamento linguístico de Anchieta, nascido nas Ilhas Canárias, que aprendeu o vernáculo português no Colégio das Artes de Coimbra, em uma estadia no ano de 1548, tendo sido enviado ao Brasil, a América portuguesa, em 1553, quando passou a também auxiliar na implantação do vernáculo português, entre outras tarefas, enquanto missionário e humanista. No espaço lusófono, a educação humanística da época quinhentista pressupunha o ensino de latim humanístico vinculado ao ensino da língua portuguesa.

O documento *Schola Aquitanica*, ainda que derivado do contexto humanístico francês, sistematizava o ensino do latim humanístico em contraste com as línguas vernáculas, representando uma inovação em relação à escolástica que estabelecia toda a formação intelectual apenas em latim. Porém, a educação humanística ainda possuía base na *latinitas*, valendo-se da continuidade do ensino de latim, sobretudo como língua de contraste, ou gramatização, conforme Auroux (1992), e isso se encontra no *Schola Aquitanica*:

The Schola Aquitanica consists of a *syllabus* for the teaching of the humanities. Above all disciplines is focused on the teaching of Latinities (*latinitas*), that is, the teaching of Latin grammar, in the context of the 16th century. The humanistic tradition, which is the context of Schola Aquitanica, begun after the medieval age preserving, however, the teaching of Latin language (SANTOS, 2021, p. 454).

Nas colônias ultramarinas do reino de Portugal, a tendência do uso do vernáculo europeu, para a política missionária e para a educação humanística, esbarrou no entrave de que a língua portuguesa não poderia ser implantada diretamente, em determinados contextos culturais. No caso específico da América portuguesa quinhentista, o vernáculo português não teria sido predominante na catequese intercultural do século XVI, o que motivou o emprego da língua dos indígenas de cultura tupinambá pelos missionários, na qualidade de língua vernácula (RODRIGUES, 1986). Nesse aspecto, as atividades educacionais humanísticas, como as propostas no *Schola Aquitanica*, em Guiana, e as que estavam em prática no Colégio das Artes de Coimbra, tiveram de ser adaptadas por missionários da América portuguesa, tendo sido

Anchieta, nessas primeiras décadas da política missionária, um dos exemplos de produção intelectual humanística no Brasil.

A época de atuação de Nóbrega, Navarro, Leonardo Nunes, Luís da Grã e Anchieta, entre outros, a segunda metade do século XVI, foi marcada pelo início das atividades missionárias oficiais na América portuguesa, em um período, diretamente, anterior à sistematização do sistema de ensino jesuítico pelas *Constitutiones*, que chegam ao Brasil em 1556, e pela *Ratio Studiorum*, de 1599. Nesse sentido, uma influência indireta do *Schola Aquitanica* faz-se notar, especificamente, na época inicial de atuação de Nóbrega e de Anchieta, sobretudo na capitania de São Vicente, na comunidade indígena liderada por Tibiriçá, e nos primeiros anos do colégio de Salvador. Assim, as obras poéticas novilatnas de Anchieta parecem vincular-se também ao modelo educacional do *Schola Aquitanica*, como veremos.

Nossa investigação insere-se também nos debates teórico-culturais acerca da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032), da UNESCO, que põe em discussão línguas tradicionais indígenas que estão em risco de extinção. Nesse sentido, ingressamos nesse debate global a partir da documentação local das línguas indígenas do período missionário da história do pensamento linguístico no Brasil, que foi também uma época colonial (KALTNER, 2022). Sobre esse tema, temos como objeto de reflexões a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595; 1990), cujo autor foi Anchieta. A gramática de Anchieta foi a primeira descrição sistematizada de uma língua indígena na América portuguesa quinhentista, no modelo que ficou conhecido como gramática missionária (ZWARTJES, 2011).

Para nosso debate teórico-cultural, nos valem os fundamentos da disciplina de Historiografia da Linguística no Brasil (SWIGGERS, 2013; BATISTA, 2019), e de sua linha de pesquisas específica, a Linguística Missionária. Nossa argumentação e interpretação historiográfica parte do conceito de “influência”, em relação ao pensamento linguístico (*linguistic thought*) de Anchieta, analisando como a língua dos indígenas de cultura tupinambá, da América portuguesa quinhentista, foi gramatizada, a partir de um processo educacional humanístico, típico do período renascentista, cujo “ideário linguístico” (SWIGGERS, 2013) pode ser reconstituído a partir do documento *Schola Aquitanica* (SANTOS, 2021). As atividades linguísticas e educacionais propostas no processo de ensino de Bordeaux e de Coimbra poderiam ter sido adaptadas por Anchieta, para gramatizar a língua indígena, por exemplo.

O primeiro ano de educação humanística e cristã proposto no *Schola Aquitanica*, a *decima classis* (décima classe), denota essa provável influência, pois trata da alfabetização, uma

das tarefas dos missionários. A décima classe do colégio de Guiena atendia os meninos na idade de letramento, crianças até sete anos de idade, que iriam ao *ludus* aprender a ler e escrever, em francês e em latim. Aprendiam o alfabeto, o sistema silábico, realizavam tarefas de ditados, e copiavam textos. Aprendiam, igualmente, a declinar substantivos e adjetivos, e a conjugar verbos:

The tenth class of the Aquitaine College was made up of boys of literacy age, so the children studied with others of the same age. They were literate at the age recommended by *Quintilianus*, whose works influenced humanistic thought. They were, in general, children up to the age of seven, sent to schools by their parents and tutors, to learn to read and write in French and Latin. The alphabet, the syllabic system, dictations and copying texts were his main tasks. Humanists prized early childhood education (SANTOS, 2021, p. 455).

Quintiliano era a fonte romana, para o padrão educacional humanístico, voltado ao ensino infantil. A inovação humanística era o ensino de francês junto ao de latim, no *Schola Aquitanica*, isto é, a língua vernácula era empregada em sala de aula, junto ao latim. O repertório de textos utilizados nesse primeiro ano de aprendizado era composto por uma série de textos: uma cartilha com o sistema gráfico do alfabeto latino, o *Libellus Puerulorum* (livreto dos meninos), com tabelas nominais e verbais, um catecismo com orações cristãs e salmos para a catequese, e para o canto. Como os reinos absolutistas eram estados confessionais, anteriores à secularização, não é de se estranhar o uso de textos litúrgicos para a educação humanística, que possuía uma tradição cultural “cristocêntrica”.

O mesmo padrão educacional dessa classe inicial do *Schola Aquitanica* teria sido levado para Portugal, substituindo-se o vernáculo francês pelo vernáculo português, e por intermédio de Anchieta, educado nesse sistema, esse mesmo modelo de alfabetização teria sido trazido ao Brasil, para a capitania de São Vicente. Nesse aspecto, o vernáculo português teria sido substituído pelo vernáculo tupinambá, sobretudo em relação à catequese intercultural. Há o relato de que Anchieta ao ensinar latim para as crianças indígenas teria aprendido a sua língua, o que é possível nesse modelo de alfabetização, que se vale do latim como língua de contraste. Note-se também que a educação humanística tinha como pressuposto a memorização do conteúdo ensinado.

A sequência do estudo na *nona classis* era o aprendizado dos elementos gramaticais, os *rudimenta*, em que a base do pensamento linguístico da época era ensinada pelas *partes orationis*:

In the ninth grade, children were supposed to learn to read and write Latin and French quickly. The elements learned in the tenth grade were exercised. The main knowledge to be worked on were the inflections of nouns and verbs at

this class. The parts of the clause (*partes orationis*) were also studied, little by little the elements of grammar were introduced, with the syntax of simple sentences. For this purpose, the humanists used the work *Distichs of Cato*, or the work of Simon Millanges, the *Latin Cato* with a French translation and the Erasmus' work *Sayings of the Seven Sages (Dicta Septem Sapientium)* (SANTOS, 2021, p. 456).

Acreditamos que o conhecimento gramatical ensinado por Anchieta para crianças indígenas, nas primeiras instituições missionárias na capitania de São Vicente fosse relacionado aos elementos gramaticais da nona classe do *Schola Aquitanica*, com o ensino das oito partes da oração e o estudo de orações simples. A partir dessa classe, no colégio de Guiena eram estudadas as cartas de Cícero, o que poderia ter ocorrido em Coimbra, à época de Anchieta, mas, dificilmente, teria tido possibilidade de ocorrer na capitania de São Vicente, anteriormente à fundação do colégio dos jesuítas na Bahia e à implantação das *Constitutones*, a partir de 1556.

A gramática de Anchieta apresenta conteúdos referentes aos *rudimenta* da gramática latina, descrevendo a língua vernácula tupinambá a partir das letras, das sílabas e das partes da oração da gramática humanística latino-portuguesa. A doutrina cristã também teria sido traduzida para a língua indígena, sobretudo as orações e o catecismo, porém, não houve a tradução das obras de autores como Cícero, por exemplo, nem mesmo todas as Sagradas Escrituras, nesse contexto quinhentista. Os indígenas aliados, sobretudo crianças, que participavam dessa educação humanística e cristã inicial dos missionários jesuítas, deveriam, posteriormente, aprender a língua portuguesa e o latim para continuarem sua formação. A língua indígena gramatizada teria sido um instrumento para a interação inicial com o sistema de pensamento missionário da época.

Anchieta escreveu obras em língua portuguesa, castelhano e latim humanístico, nos registros poéticos de Grécia, Roma e da Portugal quinhentista, como poesias líricas, épicas e dramáticas, que compõem os *Monumenta Anchieta*. Essas obras de Anchieta tiveram por intuito seu uso na didática humanística e cristã da época, sendo nossa hipótese a influência do modelo encontrado no *Schola Aquitanica*, sobretudo para o ensino da língua de Roma. Tanto as obras novilatinas, sobretudo o *De Gestis Mendi de Saa* e o *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, quanto o teatro anchietano, como o *Auto de São Lourenço*, encenado em Niterói, tiveram uso e circulação na América portuguesa para o ensino das “humanidades”, já no contexto das *Constitutiones*. A língua portuguesa teria sido ensinada a partir de textos poéticos e dramáticos, pelos missionários no século XVI. Nesse clima intelectual quinhentista, a cópia, a memorização e a emulação eram técnicas para o ensino da leitura e da escrita.

O latim para os humanistas: língua “clássica” ou língua neutra? Ler ou falar?

Em nossa interpretação crítica do *Schola Aquitanica*, podemos inferir que o latim para os humanistas não era propriamente uma língua “clássica”, rotulagem, inclusive, que não aparece no documento. O sentido cultural de uma língua oriunda do “ocidente”, ou de uma suposta “superioridade” do latim, como preconceito linguístico (BAGNO, 1999), perante outras línguas não é invocado em nenhum momento pelos humanistas que desenvolveram a educação no colégio de Guiena. Para os humanistas, o latim era antes uma língua neutra, que serviria de apoio para o ensino das línguas vernaculares, de caráter universal.

Nesse sentido, o latim humanístico poderia ser aprendido por um falante de qualquer língua, e, por outro lado, o latim humanístico poderia também servir de base para a gramatização de qualquer sistema linguístico, no início no contexto europeu, posteriormente nos contextos coloniais. Para os missionários e humanistas, como Anchieta, a doutrina cristã poderia ser expressa em qualquer língua, e o latim humanístico era antes um elemento linguístico neutro, um veículo da matéria catequética. A educação humanística da época quinhentista pressupunha que qualquer um poderia ler e escrever em latim, mesmo as crianças. Qualquer um poderia ser “clássico”, não só os “antigos”, como Anchieta demonstrou aos escrever obras novilatinas sobre a América portuguesa quinhentista, enquanto colônia ultramarina do reino de Portugal.

A educação humanística do *Schola Aquitanica* tinha também entre seus pressupostos a dialética, organizada por *colloquia*, verdadeiros diálogos a serem memorizados e recitados em grupo. Cenas das comédias de Terêncio eram comuns nessas práticas educacionais, em que a memorização permitia vivenciar uma prática ativa da língua. Acreditamos que Anchieta passou por esse processo educacional em Coimbra, ou praticou exercícios de natureza semelhante:

Already in the eighth grade, the third year of studies, the books were different. In addition to Despauterius' grammar, the books for the eighth grade were a selection of Cicero's letters, Terentius' comedies, and the colloquia of the French humanist Marturin Cordier (1479-1574). These three works were divided into daily lessons to be memorized. The dialogues should be staged, in groups, as well as the colloquia. There was, from then on, a focus on the use of Latin as an active language for speech (SANTOS, 2021, p. 456).

A obra de Marturin Cordier (1479-1564), para o estudo por colóquios, era indicada pelos humanistas franceses, e não há registro de tenha sido utilizada por Diogo de Teive, ou outro humanista, no período de estadia de Anchieta em Coimbra. Na América portuguesa, os diálogos

eram, provavelmente, substituídos por matéria catequética, estruturada de forma dialética, com perguntas e respostas, que poderiam ser memorizadas. Anchieta mesmo foi autor de diálogos para explicar a doutrina cristã para as crianças indígenas, escritos na sua língua, textos que compunham os catecismos, que acompanhavam os textos para ensino.

A estrutura dialética permitia a introdução de temas mais complexos, porém, sua principal característica era fazer com que os discentes exercitassem a prática ativa no uso da língua, isto é, falassem nos termos do que estava sendo aprendido. Nos dois primeiros anos de atividade, o *Schola Aquitanica* estava vinculado à leitura e à repetição, ocorrendo no terceiro ano uma passagem para uma educação centrada em atividades de oralidade, o que ocorria na catequese quinhentista também. O teatro de Anchieta deriva desse padrão de atividades.

Na sétima classe do *Schola Aquitanica*, o quarto ano de estudos, o estudo da obra de Cícero se desenvolvia, a partir das cartas familiares. Todavia, a inovação no ensino estava na preleção, uma leitura na língua vernácula explicando o significado, o conteúdo da obra estudada, seguida da leitura em latim:

In the seventh grade, the fourth year of studies in Latin grammar, there was a deepening of the study of Cicero's work. The study of Cicero's work characterized Renaissance humanistic education since the 15th century. Thus, the main works studied by the children were the family letters (*Epistolae familiares*) of Cicero, which made up the first texts by classical Latin authors to be known by humanists. The teaching process was done with a first lecture, that is, an explanation of a Cicero's letter in French, followed by reading the text in the Latin original, memorizing the easiest letters, until emulation (SANTOS, 2021, p. 457).

A gramática de Anchieta evidencia, ao leitor atual, um contexto plurilíngue na sua atividade missionária, pois foi escrita no vernáculo português, possui metatermos em latim humanístico e descreve a língua dos indígenas de cultura tupinambá, que ocupavam a costa da América portuguesa. O uso dos vernáculos na educação missionária, à época de Anchieta, teve provável influência no modelo educacional do *Schola Aquitanica*, antes da sistematização de métodos e conteúdos pelas *Constitutiones* e pela *Ratio Studiorum*. A gramática de Anchieta também se vincula à oralidade, tendo em vista que o uso (*usus*) é sempre citado ao longo da obra, demonstrando que a língua indígena deveria ser apreendida diretamente pelo contato com as comunidades indígenas.

No contexto do *Schola Aquitanica*, o estudo de um texto gramatical latino canônico se iniciava somente na *sexta classis*, equivalente ao quinto ano de estudos:

In the sixth grade, which is equivalent to the fifth year of studying Latin grammar, there was a continuation of the study of Cicero's family letters, at

the College of Guyenna. The texts were explained in French, but studied in Latin, word by word and sentence by sentence, always with memorization activities. After studying the elements of Despauterius' grammar (*Rudimenta*), the reading of the first part (*Prima pars*) of the grammar began. Some specific topics of Latin grammar were studied, such as genders, declensions, past tenses and supines, as well as the specific syntax of the cases. The grammar was written in Latin language (SANTOS, 2021, p. 458).

O documento cita a gramática de Despautério, como manual para o ensino de latim. Em Coimbra, o mais provável é que Anchieta tenha utilizado as gramáticas mais difundidas em Portugal, como Estevão Cavaleiro, *Clenardus*, talvez Nebrija, ou mesmo um material próprio de Diogo de Teive, todavia, não podemos excluir a obra de Despautério e de outros humanistas que estão em seu clima intelectual. O estudos do texto latino se davam palavra por palavra, com a declinação de nomes e conjugação verbal de paradigmas, para a sua fixação e memorização. A partir daí o ensino de latim humanístico se especializava. Acreditamos que Anchieta tenha passado por esse processo em Coimbra, mas em São Vicente poucos catecúmenos teriam atingido esse padrão da educação humanística europeia. Com o desenvolvimento dos colégios jesuíticos na colônia, a *Ratio Studiorum* teria consolidado os estudos de latinidade nesse contexto, posteriormente.

Conclusão

Mais do que o latim humanístico, a língua adicional que os missionários buscavam implantar na América portuguesa, inicialmente, era a língua vernácula de Portugal, sobretudo entre as crianças indígenas de cultura tupinambá, seus catecúmenos. As atividades didáticas do *Schola Aquitanica*, que tiveram provável influência sobre a formação humanística de Anchieta em Coimbra, poderiam ter inspirado sua composição de obras poéticas e em prosa, em atividades de ensino humanístico e cristão, além da redação da gramática da língua indígena. Os europeus, em contrapartida, deveriam aprender a língua indígena para viver na América portuguesa, nesse sistema de pensamento linguístico plurilíngue.

O ensino de latim humanístico ficava resguardado para aqueles que se especializariam na política missionária, ou tinham a intenção de sair da América portuguesa para a Europa. Para esse público específico, Anchieta teria escrito suas obras em latim humanístico. Todavia, notamos que todas as atividades didáticas do *Schola Aquitanica*, com suas devidas adaptações estão presentes na América portuguesa quinhentista, e mais ainda nos *Monumenta Anchieta*, que podem ser analisados em relação à sua intertextualidade e fontes também.

A América portuguesa quinhentista era uma colônia ultramarina do reino absolutista de Portugal, um estado confessional, assim a educação humanística e cristã estava vinculada, culturalmente, à prática missionária. A base econômica mercantilista era o escravismo, e mesmo o acesso à política missionária era limitada aos povos indígenas que se aliaram ao governo-geral português. Para os dias atuais, pode parecer paradoxal uma concepção de humanismo, no renascimento, em uma sociedade ainda escravocrata, todavia, dada a natureza das instituições absolutistas, a universalidade humanística quinhentista era mais utópica do que concreta. O humanismo quinhentista não era inclusivo, se pensarmos em termos atuais.

Ao mesmo tempo, as atividades dos missionários desse período histórico analisado se desenvolviam longe dos principais centros econômicos de atividade mercantil da colônia. Anchieta atuava, inicialmente, na periferia do Estado do Brasil, à sua época, na capitania de São Vicente, e no interior da capitania, em São Paulo de Piratininga, entre os mais pobres da colônia ultramarina, tendo passado grande parte de sua vida entre os povos indígenas, distante das atividades mercantis mais importantes para o desenvolvimento da economia da colônia. As dificuldades materiais que o missionário e humanista vivenciou em São Paulo de Piratininga, na capitania de São Vicente, no século XVI ficaram registradas em diversos testemunhos. Seu principal bem eram as letras, que cultivou como cultura letrada humanística na América portuguesa quinhentista.

Referências

- ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: ALTMAN, Cristina et al. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 19-44.
- ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.
- ANCHIETA, José de. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Introdução, tradução e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp. 1992.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico — o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: ALTMAN, Cristina et al. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 81-114.

- KALTNER, Leonardo Ferreira. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 56, p.197 - 217, 2019a.
- KALTNER, Leonardo Ferreira; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, Rio de Janeiro, v.57, p. 9-35, 2019b.
- KALTNER, Leonardo Ferreira.; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 75, v. 2 p.1564 - 1572, set./dez. 2019c.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF (Cifefil)*, Rio de Janeiro, n. 23, p.424-439, 2019d.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). *Cadernos de Linguística da Abralín*, ano 1, n.1, p.01-15, 2020a.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020b.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 26, n. 76, v. 2., p.717 - 731, set./dez. 2020c.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralín*, n.19, p.1-25, 2020d.
- KALTNER, Leonardo Ferreira; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 76, v. 2, p.750-759, 2020e.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), n. 20, p.37-44, 2020f.
- KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia da Linguística. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. Anchieta e as Línguas Vernáculas. In: Congresso Internacional Anchieta, 400 anos, 1997, São Paulo. *Atas do Congresso Internacional Anchieta, 400 anos*. São Paulo: FNJ Editora, 1997.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- SANTOS, Melyssa Cardozo Silva dos. Schola Aquitanica (1583): Latin grammar and Renaissance tradition. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, p. 452-463, 2021.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

ZWARTJES, Otto. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550–1800*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267